
ARTIGOS

Persp. Teol. 16 (1984) 291-311

TEOLOGIA E MARXISMO NA AMÉRICA LATINA

Algumas considerações sobre o tema(*)

José Comblin

A recente Instrução da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, do dia 6 de agosto de 1984, assinada pelo Cardeal J. Ratzinger e aprovada pelo Papa tornou de grande atualidade o tema teologia e marxismo. Nestas notas não temos o propósito de fazer nem uma apresentação, nem um comentário desse documento. Evidentemente esse documento tem que ser estudado com a maior atenção por todos os que se interessam pela teologia. Ele contém orientações que todos os católicos terão que levar seriamente em conta.

Não sabemos quais são os teólogos que se sentem aludidos pela Instrução do Cardeal Ratzinger. Mesmo os que não se sentem aludidos, terão que constatar que, no mínimo, não conseguiram dar-se a entender pelos seus leitores romanos. De qualquer maneira uma das primeiras lições poderia ser que haveria utilidade em pôr mais empenho nos esforços para explicar os projetos, os modos de proceder e a caminhada da chamada teologia latino-americana ou Teologia da Libertação. O resultado está aí: evidentemente muitos católicos não entendem de que se trata, e, sem dúvida, muitos são de boa fé e, de boa fé, atribuem a certos teólogos um modo de pensar e convicções muito afastadas da realidade.

Se existem teólogos que merecem os julgamentos e as interpretações dadas no documento, não nos cabe apreciá-lo. O que, em todo caso, nos parece bastante claro, é que, deixando de lado possíveis des-

(*) Estas notas foram apresentadas num painel do Encontro de Teólogos realizado em Belo Horizonte, de 9 a 13 de julho de 1984, a pedido da Comissão Episcopal de Doutrina. Foram levemente revisadas à luz da Instrução da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, dada a conhecer no Brasil no dia 3 de setembro p.p.

vios de doutrina realmente fundados, há em todo o debate muitos e grandes mal-entendidos. Nestas páginas queríamos apenas ajudar a resolver alguns desses mal-entendidos, particularmente os relacionados com a relação teologia e marxismo.

A problemática das relações entre teologia e marxismo não é nova. Ela tem já uma longa trajetória. Por isso não podemos dentro destas breves notas nem sequer pensar em sintetizar essa problemática. Queremos apenas oferecer alguns elementos para a reflexão, alguns dados que não parecem ser tomados em consideração, ao passo que na América Latina se lhes dá bastante importância.

1. OS DESAFIOS DO MARXISMO PARA A TEOLOGIA CRISTÃ

O marxismo salienta vários temas que têm nitidamente a sua origem no cristianismo, isto é, na tradição judeu-cristã, na Bíblia em última instância. Deu a esses temas de origem cristã uma inflexão nova, aplicações que, para os cristãos, não estão na intenção dos autores bíblicos e constituem desvios de doutrina. Contudo esses temas bíblicos ainda estão aí bem reconhecíveis mesmo dentro da síntese marxista.

Ora, podemos perguntar-nos se grande parte da atração que o marxismo exerce sobre os povos cristãos e, de modo particular, sobre muitos cristãos das classes populares, não se deve precisamente à presença desses temas "cristãos" que vamos enumerar imediatamente. Não nos parece provável que a atração do marxismo venha das suas análises da economia ou da sociedade. Tais análises são acessíveis somente a um público bem reduzido, sobretudo entre as classes populares.

O fenômeno da atração que o marxismo exerce em ambientes de cultura cristã e mesmo entre crentes realmente fiéis, pode parecer um paradoxo. Por que a atração por esses temas cristãos não dirige essas pessoas para a teologia cristã? Por que essas pessoas têm a idéia de ir buscar no marxismo o que normalmente deveria estar na teologia cristã?

O paradoxo tem uma explicação. Aconteceu que a teologia clássica nascida a partir de uma certa esquematização da escolástica medieval "reduziu" os temas aludidos. Estes desapareceram da teologia dos tratados tradicionais. Não couberam dentro da síntese e foram "esquecidos". Acontece que a teologia clássica do Ocidente foi notavelmente "reducionista" e apresentou do cristianismo uma versão que não podia deixar de criar muitas frustrações. Entre a figura do cristianismo oferecida pela teologia clássica e o Evangelho havia uma diferença notável de fisionomia. Pareciam pertencer a dois mundos. Evidentemente todas as proposições dessa teologia se referiam a certos textos bíblicos, mas sempre citados fora do seu contexto e selecionados de tal modo que na teologia

já não se reconhece a totalidade da mensagem bíblica.

Frustrados, muitos cristãos foram buscar em outros lugares a presença dos temas aos quais estavam apegados. Do ponto de vista da ortodoxia cometeram um erro, e acharam no marxismo uma versão errada dos temas bíblicos; do ponto de vista deles, encontraram pelo menos alguma coisa, enquanto a teologia (vulgarizada pela catequese) ficava calada.

Eis aqui alguns dos temas que foram silenciados pela teologia clássica e ao invés abundantemente usados e tratados no marxismo.

1) *A opção de Deus e de Cristo pelos pobres e pelos oprimidos.*

Este tema não foi tratado pela teologia tradicional, nem nos tratados sobre Deus, nem nos tratados sobre Cristo, nem nos demais tratados. Por sua vez, o marxismo deu-lhe uma versão nova no papel do proletariado na revolução e na sociedade socialista e comunista. Muitos comentadores mostraram as origens pelo menos parcialmente bíblicas e cristãs desse tema em Marx. O tema do proletariado pode ter sido no marxismo uma falsa interpretação da opção bíblica pelos pobres. Para os próprios pobres, ela tinha a vantagem de lhes conferir o papel privilegiado que tinham a certeza de descobrir na sua tradição cristã. Ora, a catequese e a Igreja ficavam calados.

2) *O tema da libertação como síntese da história do mundo é central na Bíblia e no cristianismo. Desapareceu da teologia clássica: nesta a soteriologia está desintegrada, situada fora da história humana, e a salvação de Cristo não tem vinculação com o que está acontecendo na terra. Ora, o tema da libertação foi assumido e tratado extensivamente por Hegel e por Marx e os seus sucessores: havia ali um certo "ar" de Bíblia que não aparecia na teologia.*

3) *A verdade ligada ao fazer mais do que ao dizer, a práxis como critério de verdade. A Bíblia reafirma constantemente e com ênfase esse ponto de vista. A verdade segundo a Bíblia não está ligada ao pensamento, ao discurso, mas à prática, e, por isso mesmo, Deus revela os seus segredos aos simples e não aos sábios. Este tema tinha desaparecido da teologia que, pelo contrário, buscava desesperadamente recuperar a fé dos simples e mostrar que podiam ter fé também apesar da sua ignorância.*

4) *A ligação entre a libertação de Deus e a história: que a libertação não é alheia à história, que a história não está entregue para sempre ao diabo, que a esperança penetra também na história, que não há duas histórias paralelas, a história da salvação que atingiria somente as almas e a história humana que atinge os corpos. A teologia tinha chegado ao*

ponto de postular o dualismo das histórias. Hegel e Marx deviam chamar a atenção pela sua radical inversão da teologia porque voltavam à esperança bíblica.

5) *O tema do homem novo*, que é o evangelho de Paulo, pelo menos nas últimas epístolas, e alimenta a esperança de uma renovação real da condição humana. A teologia somente dizia que não há esperança neste mundo, tudo continuará sempre igual. Num mundo como o mundo contemporâneo em que mudanças profundas se realizam, a teologia não podia aparecer senão como indiferente às aspirações dos povos, dando segurança aos privilegiados da situação estabelecida.

6) *A corporeidade do homem* tão claramente proclamada na Bíblia desapareceu também. Na teologia escolástica o corpo é no máximo um instrumento a serviço da alma, e a essência do homem está na parte intelectual, no pensamento. A consequência é que mais homens são as classes dirigentes da sociedade e que os trabalhadores manuais são de uma humanidade inferior, assim como o pensavam os gregos. O marxismo dizia o contrário, e como isso não podia atrair as massas julgadas inferiores?

7) *A superioridade da liberdade sobre a lei*. A teologia clássica reduzia a liberdade à capacidade de observar a lei, mas a própria teologia se mostrava como uma lei total e universal encerrando não somente o agir, mas o próprio pensar dos homens. Ora, a Bíblia afirma a superioridade da liberdade. Se bem S. Tomás defendia a supremacia da lei, os seus sucessores se esqueceram do mais fundamental da sua mensagem e ficaram nas posições mais prudentes de uma lei universal. Aqui também o marxismo aparece aos olhos dos contemporâneos como o apelo à liberdade das classes oprimidas.

Resumindo: a teologia clássica oferece uma visão de mundo fixa, estável, que ignora a história, ignora a condição real dos homens divididos em opressores e oprimidos, ignora o corpo humano, ignora as esperanças dos povos e consagra a superioridade dos pensadores. Os temas bíblicos sobre o homem desapareceram. Foram reduzidos pela teologia. Por outro lado, eles são retomados, exaltados pelo marxismo. De modo errado, está certo. Mas de uma maneira tal que bem pode explicar o atrativo que exerce sobre uma parte notável do povo cristão que se sente abandonado pelos que foram encarregados de lhe comunicar o Evangelho.

Quando surge, de repente, uma nova teologia que em lugar de reduzir os sete temas citados, os coloca no centro da sua consideração, os cristãos formados ou deformados pela teologia tradicional entram em

estado de angústia. Não reconhecem mais o discurso ao qual foram acostumados. Protestam. Reclamam. Dizem que essa teologia nova é um marxismo oculto, uma teologia redutora, que pretende reduzir o Evangelho a categorias marxistas, uma teologia infiltrada pelo marxismo, e assim por diante. Para eles, os sete temas tratados somente podem proceder do marxismo.

Evidentemente, uma teologia que leve à sério os sete temas apresentará muitas afinidades com o marxismo, enquanto a teologia tradicional não tem nenhum contato possível com ele. Teologia tradicional e marxismo parecem refletir dois mundos separados, como se fossem a visão do mundo desde dois planetas diferentes ou dentro de duas espécies animais diferentes. Pelo contrário marxismo e Teologia da Libertação têm muitos pontos de contato.

Essas afinidades não se explicam necessariamente, como pretendem alguns pela penetração da Teologia da Libertação pelo marxismo. Se dois sistemas oferecem aspectos semelhantes, a semelhança não significa necessariamente que um dos dois procede do outro. Existe outra explicação: que os dois procedem de uma fonte comum. Aqui a fonte comum é a Bíblia e a tradição cristã. Tanto a Teologia da Libertação como o marxismo procedem da Bíblia e dos temas bíblicos. A partir dessa fonte comum, cada sistema procedeu de uma maneira diferente. No fim da sua trajetória, os dois são diferentes e autônomos, cada um tem a sua dinâmica própria, mas não deixam de apresentar afinidades.

Para alguns, as afinidades com o marxismo constituem uma situação intolerável e uma fonte de insegurança. Eles se sentem seguros somente numa situação de contradição total. Precisam de uma teologia que apareça totalmente sem ponto de contato com o marxismo, que não tenha nenhuma palavra comum, nenhum tema comum, que não contemple de modo algum o que os marxistas contemplam. Querem uma teologia que seja sistematicamente a-marxista ou anti-marxista. Qualquer outra seria suspeita de ser pró-marxista. Afirmam-se com vigor os temas que opõem o cristianismo ao marxismo e silenciam-se os outros.

Essa estratégia é bem conhecida: já foi usada contra os protestantes no século XVI e o Concílio de Trento — e mais ainda os seus intérpretes posteriores — elaboraram uma figura do catolicismo que nada tivesse em comum com os protestantes. Desse modo os protestantes seriam obrigados a rejeitá-la e não haveria possibilidade de infiltração protestante na Igreja. Mais tarde a mesma estratégia foi usada contra o liberalismo e o racionalismo moderno. Fizeram a teologia mais anti-racional e antiliberal possível.

Para alguns, o critério da verdade é a sua oposição ao erro. Divide-se assim todo o saber em proposições verdadeiras e proposições erra-

das. As verdadeiras são as que se opõem às falsas. Não há verdade que não seja negação ou exclusão de um erro. Seria verdadeira a proposição cristã que manifestaria claramente em si mesma que é oposta ao marxismo. Desde o momento em que a oposição ao marxismo, a própria contradição do marxismo não fosse evidente, a proposição seria suspeita de favorecer o marxismo ou de ser uma infiltração marxista.

Se, porém, eliminamos da teologia todos os temas que poderiam mostrar uma afinidade com o marxismo, teremos levantado uma barreira bem alta para impedir a infiltração marxista. Mas, por outro lado, como faremos para evangelizar os marxistas? Pode-se conceber que algum dia um marxista seja atraído pela mensagem contida na teologia neo-escolástica? Não pode nem chegar a entendê-la.

Várias pessoas formadas pela teologia tradicional podem ler a Bíblia sem descobrir nela os temas citados acima. A sua leitura está totalmente condicionada pela sua teologia que nunca puseram em dúvida. Uma vez que nasceu a suspeita, a Bíblia revela outros conteúdos que a teologia silenciou. Não se trata de projetar na Bíblia conteúdos que não estão nela e sim de fazer aparecer conteúdos que estão desde sempre e que sempre na Tradição uma parte dos cristãos descobriu, mas que a teologia dominante não se interessou em descobrir.

Quem não lê na Bíblia os sete temas citados, terá que pensar que a Teologia da Libertação procede de considerações morais, da indignação diante da miséria, da solidariedade com os pobres, de uma excessiva revolta diante das injustiças, sendo que todos esses sentimentos são manipulados pelo marxismo. Movidos pelo sentimento os teólogos latino-americanos deixam-se seduzir pelo marxismo: assim pensam e dizem. Pensam que a Teologia da Libertação não procede de motivos teológicos e sim de sentimentos excessivamente humanos.

Infelizmente para eles, essa teologia se inspira em razões teológicas, a Bíblia e a Tradição cristã em toda a sua amplitude, ainda que contestem as releituras da Bíblia e da Tradição que fez a teologia tradicional nascida da neo-escolástica. Ela procura superar o reducionismo praticado desde a Idade Média por influência da filosofia grega. Pois o reducionismo da escolástica reduziu o cristianismo a uma doutrina de salvação individual, a-histórica, interessando somente a parte intelectual do ser humano.

2. ANÁLISE MARXISTA E TEOLOGIA

No seu parágrafo VII a Instrução da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé retoma as considerações de Paulo VI em *Octogesima Adveniens* sobre a análise marxista, ampliando-as e acrescentando ou-

tras observações. Tudo aquilo só pode receber o assentimento do leitor. Não há dúvida de que todos os perigos aí expostos sejam reais.

O núcleo das advertências da Sagrada Congregação parece que se acha nas seguintes frases: "... o pensamento de Marx constitui uma concepção totalizante do mundo, na qual numerosos dados de observação e de análise descritiva são integrados numa estrutura filosófico-ideológica, que determina a significação e a importância relativa que se lhes atribui. Os *a priori* ideológicos são pressupostos para a leitura da realidade social. Assim a dissociação dos elementos heterogêneos que compõem este amálgama epistemologicamente híbrido torna-se impossível, de modo que, acreditando aceitar somente o que se apresenta como análise, se é forçado a aceitar, ao mesmo tempo, a ideologia" (VII, 6).

Alguns historiadores poderão discutir essas afirmações quanto à interpretação do próprio Marx. Depois dele, porém, formou-se uma certa escolástica marxista que apresenta os caracteres mencionados.

Contudo às judiciosas observações feitas pelo documento poderíamos acrescentar alguns reparos sobretudo a partir da observação da realidade latino-americana, reparos que permitiriam medir melhor o seu alcance.

1) *O próprio autor do documento da Sagrada Congregação sabe que na doutrina de Marx "numerosos dados de observação e de análise descritiva são integrados numa estrutura filosófico-ideológica"*. Quer dizer que o autor percebe a diferença em Marx entre "dados de observação e de análise descritiva" e "estrutura filosófico-ideológica". Ele sabe que há amálgama, por conseguinte reconhece e identifica os elementos que foram integrados. Se ele é capaz de fazer essa distinção entre "dados de observação e de análise descritiva" e "estrutura filosófica-ideológica", porque outros leitores de Marx não seriam capazes de fazer a mesma distinção?

O autor diz que "a dissociação dos elementos heterogêneos ... torna-se impossível". Contudo, ele sabe que há elementos heterogêneos, o que supõe que saiba identificá-los. Caso contrário não poderia falar em elementos heterogêneos. A totalidade marxista não está tão integrada: fala-se em elementos heterogêneos. Se um sistema se compõe de elementos heterogêneos, a sua síntese é fraca, tão fraca que os elementos heterogêneos ainda são reconhecíveis pelo autor do documento. Ora, se ele foi capaz de reconhecê-los, porque outros leitores não seriam capazes de fazer a mesma operação?

2) *Em que consiste a "análise marxista"?* Os textos que emanam do magistério não definem claramente o que rejeitam. "Análise marxista" seria tudo o que se apresenta com esse rótulo? Na América Latina,

porém, o rótulo de marxista se aplica a muitas elucubrações que têm com o marxismo afinidades bastante remotas.

Muitos chamam de "análise marxista" qualquer investigação dos fatores econômicos na realidade social, ou qualquer estudo dos conflitos sociais, ou qualquer análise de estruturas capitalistas. Desde o momento em que um autor enfatiza a influência de variáveis econômicas, já é denunciado como marxista, ou ele mesmo se vangloria de ser marxista.

Muitos consideraram a "teoria da dependência" como marxismo. Contudo a teoria da dependência procede de várias fontes, os seus principais autores estão longe de se identificarem com o marxismo teórico ou prático, ainda que não lhes repugne manifestar as afinidades que podem ter com o marxismo. O estudo da trajetória intelectual de Fernando Henrique Cardoso, para muitos o parâmetro da teoria da dependência, ilustra bastante bem a relação entre ela e o marxismo. O documento da Sagrada Congregação condenaria, por exemplo, o recurso à obra de Fernando Henrique Cardoso ou dos demais autores da teoria da dependência?

Entre todos os conceitos da "análise marxista" a Sagrada Congregação menciona só um: a luta de classes. O que se deve pensar dos outros conceitos? Teríamos que excluir o recurso a conceitos tais como modo de produção, relações de produção, conexão entre modo de produção e relações de produção, a teoria do valor, a teoria do fetichismo, e assim por diante? A própria expressão de "luta de classes" já foi usada por vários autores católicos sem provocar intervenção do magistério eclesiástico.

Hoje em dia há muitos conceitos que foram ou criados ou lançados ou cuja propaganda foi feita por marxistas, e que entram na cultura geral do Ocidente, tanto no mundo da sociologia como da política, da economia ou das letras em geral. Na América Latina o linguajar marxista entrou na Universidade e aí se implantou de modo tal que a pessoa que pretende ignorar todo conceito de conotação marxista, tem que permanecer alheio ao mundo universitário. A exclusão de qualquer vocabulário de conotação marxista ou obriga a refugiar-se só nas universidades católicas devidamente fiscalizadas, ou obriga a contar com a rigorosa censura de regimes militares. Uma aproximação pastoral ao mundo universitário não pode ignorar o linguajar que aí se usa, ou, então, tem que reduzir a pastoral universitária à pesca de universitários para levá-los para fora do ambiente universitário longe da contaminação do seu ambiente.

Uma melhor determinação do que é análise marxista, ajudaria a saber mais exatamente quais são os limites da pastoral universitária e quais os limites do diálogo com o mundo intelectual latino-americano.

3) Pode ser útil *levar em conta o contexto em que na América Latina alguns usam certos conceitos que procedem da análise marxista* ou de uma análise que traz o rótulo de marxista.

O contexto em que os teólogos se movem, é a metodologia baseada no esquema ver-julgar-agir. As reuniões de planejamento pastoral fundam-se na aplicação desse esquema. As próprias conferências de Medellín e de Puebla estão baseadas nele.

Ora, entre o ver, o julgar e o agir não há conexão lógica estrita. A Igreja não tem por que construir uma estratégia rigorosa em que os resultados dependeriam do rigor da análise da situação. De modo geral, o ver, o julgar e o agir são tratados por pessoas diferentes, de formação e de procedência diferentes. O ver é tratado por especialistas, leigos ou clérigos especializados, economistas, sociólogos, técnicos, politólogos. O julgar é tratado por teólogos ou biblistas, pois se trata de apresentar o conteúdo bíblico ou teológico que serve para iluminar a situação descrita no ver. Finalmente o agir será tratado por pastores ou especialistas da pastoral. Cada setor recorre às disciplinas da sua especialização.

Da aproximação entre as diversas especialidades não se deduz uma conexão rigorosa. O que se pede do ver, é que ofereça uma visão sintética da sociedade e dos seus problemas. O que se pede do julgar é que dê os dados atualizados da teologia, e dos pastores que ofereçam uma visão das respostas pastorais vigentes. Da dinâmica da aproximação surge uma nova iniciativa, ou uma nova configuração, ou algumas novas aspirações. Jamais se chega a um sistema rigorosamente lógico. Jamais se procede por via da dedução, mas por via da intuição aproximativa.

Alguns poderão pensar que esse método não serve. Mas não deixa de existir e os seus resultados não são piores do que os resultados pastorais nas Igrejas que pretendem agir sempre em virtude de uma lógica estrita.

Para descrever a situação e compreendê-la, acontece que os especialistas chamados a depor, usam categorias do vocabulário marxista. Estas têm a vantagem de englobar muitos fenômenos numa visão de conjunto. Se houvesse outro discurso para descrever os mesmos fenômenos, poder-se-ia recorrer a ele. Mas nem sempre existe. Habitualmente os autores preocupam-se pouco pelo rigor marxista das suas categorias. Fala-se em luta de classes para falar dos inumeráveis conflitos entre moradores ou pequenos proprietários rurais sem título de propriedade e os grandes latifundiários. Marx falaria em luta de classes a propósito? Que sentido tem essa expressão? Simplesmente o sentido de englobar numa visão de conjunto milhares de fenômenos simultâneos. Assim será o ver. Depois virá o julgar que buscará o que oferece a Bíblia e a teologia para iluminar essa situação, não as categorias que a representam. Depois se

fará uma investigação das práticas pastorais pelas quais se responde à situação. Nem o julgar se deduz do ver, nem o agir do julgar ou do ver. Há uma circulação que se faz entre o ver, o julgar e o agir. Afinal o que prevalece são as razões pastorais dentro da continuidade com a pastoral da Igreja.

Não se nega que possam intervir certas pessoas que respondam ao retrato desenhado pelo documento da Sagrada Congregação. Tais pessoas devem existir. Caso contrário, a Sagrada Congregação não teria podido apresentar esse retrato. Mas a possibilidade de que possam influir realmente na pastoral da Igreja são tão remotas que não conseguem constituir um verdadeiro problema. Pois a própria metodologia impede que razões puramente teóricas possam exercer um papel determinante na pastoral.

Uma última pergunta poderá ser feita: por que não se recorre sempre para examinar a situação social a pessoas especializadas, que não tenham absolutamente nada em comum com o marxismo? A razão é que na América Latina o mundo intelectual se divide em dois grandes submundos. Um deles é a reprodução fiel da cultura dos Estados Unidos. A sua visão da sociedade é aquela que reflete as preocupações dos Estados Unidos e das classes dirigentes. Nada conhecem do mundo popular, nem se interessam por conhecê-lo. A visão da sociedade que apresentam, é a visão puramente tecnocrática daqueles que querem dirigir o mundo sem nenhuma consulta às maiorias populares. Eles estão integrados na concepção social dos governos e a sua ciência está a serviço da tecnocracia ou do Estado ou das grandes companhias. O que podem oferecer a quem procura compreender o que está acontecendo nas maiorias populares? Nada. Somente desviar a atenção das situações reais. O que dizem, é interessante, porque dá a conhecer os projetos dos que mandam na sociedade. Mas não é interessante para quem precisa orientar a ação das grandes maiorias populares.

Quanto aos outros, os que se interessam pelas maiorias, estão todos vivendo e trabalhando num ambiente em que o marxismo constitui pelo menos uma das referências principais. Se houvesse uma ciência completamente protegida contra os desvios que aponta o documento, e que fosse realmente uma compreensão da realidade total das nações latino-americanas, não haveria problema. Pode-se desejar que um dia apareça semelhante ciência. Até lá não se pode deixar de procurar interpretar o mundo, não se pode ficar esperando sem fazer nada. Por conseguinte, é forçoso recorrer a uma ciência incompleta e parcial, procurando remediar os seus desvios ideológicos, mas que pelo menos é capaz de dizer alguma coisa válida.

A pastoral latino-americana não tem a pretensão de estar baseada

em conhecimentos definitivos e estáveis. Ela é uma pastoral de transição, que recorre a conhecimentos transitórios. Está inclinada a revisar constantemente a sua interpretação da realidade, em primeiro lugar, à luz da experiência e dos resultados realmente observados.

4) *Podemos perguntar-nos se se leva suficientemente em conta a evolução histórica tanto no que diz respeito aos partidos marxistas, como a evolução do ambiente intelectual marxista ou o julgamento de cristãos sobre o marxismo. Às vezes tem-se a impressão de que as apreciações se referem a uma situação de há dez anos atrás. Como se em dez anos a situação não tivesse mudado radicalmente.*

Em 1973 houve o golpe militar no Chile. Depois da vitória da revolução em Cuba em 1959, esse foi o acontecimento que provocou mais reflexões teóricas e mais mudanças práticas em todas as esquerdas revolucionárias na América Latina, nos partidos, no mundo intelectual e no comportamento dos cristãos engajados na revolução das estruturas sociais. É de se lamentar que os documentos eclesiais sejam tão a-históricos e pareçam considerar a América Latina como uma realidade imutável.

Em primeiro lugar os próprios conceitos ideológicos do marxismo perderam muito da sua rigidez. Desse modo a ligação da análise com conteúdos ideológicos precisos torna-se bem mais fraca.

Houve uma evolução importante no marxismo latino-americano, por exemplo, quanto ao conteúdo do conceito de luta de classes, de materialismo histórico ou quanto à crítica da religião.

A práxis marxista clássica está baseada na luta de classes. Os movimentos marxistas permanecem fiéis a essa expressão. Muitos intelectuais guardam também a expressão. Contudo, o conteúdo dessa expressão tornou-se cada vez mais problemático, de sorte que a fidelidade à expressão se explica em boa parte por razões sentimentais de continuidade com o passado.

Diversas razões contribuem para abalar o conceito de luta de classes. Uma delas é a dificuldade crescente que se experimenta para definir a classe revolucionária. Por conseguinte, a luta de classes é a luta de quem contra quem? É cada vez mais difícil dizê-lo. Alguns privilegiam a luta do Terceiro Mundo e das suas nações contra o Primeiro Mundo ou contra as multinacionais ou os grandes bancos mundiais. Desde que Lin Piao privilegiou a luta do campo contra a cidade, a participação dos camponeses constitui um enigma. É cada vez mais difícil pensar que a classe operária será a condutora do processo revolucionário. Na América Latina os intelectuais sempre se atribuíram um papel importante e o atual êxito de Gramsci procede em grande parte do papel que atribui aos intelectuais.

Uma segunda razão é que os movimentos e partidos marxistas estão todos (salvo o Sendero Luminoso no Peru) comprometidos com alianças de classes e agem em virtude de acordos com outras classes sociais e com partidos que representam outras classes sociais. Embora muitos justifiquem esses acordos em nome da tática, acontece que uma tática prolongada durante decênios acaba transformando-se numa estratégia, consciente ou inconsciente. A luta de classes subordina-se a alianças de classes e à aceitação de fato de regimes democráticos, que em quase todos os países se transformaram em prioridades dos movimentos revolucionários (pode ser por tática, mas uma tática instalada não difere muito de uma estratégia).

No fundo dessa evolução há uma percepção mais realista da situação da sociedade latino-americana, da sua posição no mundo e das razões dos fracassos da última década.

Por outro lado há também o impacto produzido pelos relatórios sobre o socialismo real, que começaram a ser cada vez mais conhecidos na América Latina através da Europa Ocidental. No mundo intelectual sobretudo, a crítica ao socialismo real tornou-se uma posição quase adquirida. Sente-se a influência das obras críticas produzidas na Europa, notadamente da crítica ao totalitarismo, em particular das obras francesas e italianas.

Pode-se objetar que, para as bases, os partidos comunistas continuam ensinando imperturbavelmente os catecismos stalinianos. É verdade. Mas aqui já saímos da questão da análise marxista para entrar no problema da participação nos partidos revolucionários clandestinos ou semiclandestinos. Uma coisa é integrar alguns conceitos de análise marxista, outra coisa é militar num partido marxista.

No marxismo intelectual, se se mantém o materialismo histórico, é mais a título de apego a um mito ou um símbolo tradicional do que para fundamentar uma práxis. A prática dos partidos revolucionários sempre foi um flagrante desmentido ao materialismo histórico, pois está baseada na supremacia dos fatores ideológicos em primeiro lugar, e políticos em segundo lugar, sobre os fatores econômicos, aos quais nunca se deu importância para elaborar uma estratégia revolucionária.

Mesmo, porém, no plano teórico, o materialismo histórico está sendo seriamente contestado. Foi abandonado na China já por Lin Piao e a revolução cultural que afirma a prioridade dos fatores culturais. No marxismo ocidental dentro do mundo intelectual desenvolveu-se a crítica ao próprio sistema industrial, à ciência e à tecnologia ocidentais em si mesmas e não somente ao regime capitalista: colocam-se, na base das sociedades, opções por determinados modelos. A opção pelo socialismo deixa de ser o produto da evolução econômica e a condição do desen-

volvimento da produção além do capitalismo. A produção em si mesma torna-se objeto de discussão.

Além disso, os intelectuais marxistas descobriram o campo imenso daquilo que na Alemanha se chama *cultura* e na França o *imaginário*. Já não se pode prescindir do inconsciente, nem ignorar tudo o que no comportamento humano é herança do passado pré-humano ou pré-histórico, reduzindo a importância do advento do capitalismo como explicação universal da civilização contemporânea. A área do ser humano realmente afetada pelo modo de produção é infinitamente mais reduzida do que o postulavam as ilusões científicas, racionalistas e tipicamente decimonônicas dos primeiros marxistas.

Quanto à religião, a evolução dentro do marxismo é muito sensível também, na América Latina mais do que em qualquer outra região. Os próprios marxistas estão conscientes dessa evolução. A nível das bases dos partidos comunistas tradicionais, a evolução ainda não se nota. Essas bases, que militam há muitos anos, são geralmente muito anticlericais: ou nunca conheceram a religião a não ser desde o ponto de vista do adversário, ou deixaram a Igreja com rancor e ressentimento depois de certos conflitos com o clero. Elas não podem mudar. Mas entre os líderes dos partidos e movimentos a evolução é notável, e muito mais ainda entre os marxistas que não estão militando dentro de partidos mas aderem ao marxismo por razões ideológicas.

Na base dessa mudança está com certeza o fato de que na América Latina nos últimos decênios grande parte da Igreja se dessolidarizou das classes dominantes e se solidarizou com as classes populares, assumiu a defesa e a promoção dos trabalhadores na hora das piores perseguições e defende os seus direitos assim como o seu direito de defender os seus direitos. Nos últimos 20 anos houve uma evolução sensível no comportamento social e político do episcopado e do clero. Os próprios marxistas percebem que não se trata de uma pura tática pastoral da Igreja para reconquistar prestígio nas classes populares, mas realmente de uma posição nova assumida pelo seu valor. Por sinal é visível que por causa da sua mudança de posição a Igreja está sofrendo também perseguições. Os bispos e sacerdotes que foram vítimas da repressão testemunham a sinceridade da mudança.

Por conseguinte, para muitos marxistas, a própria prática mostra que a religião não é pura e necessariamente alienação. A religião torna-se um fenômeno ambivalente, suscetível de contribuir tanto para a libertação como para a opressão. Isto nos leva a uma posição tradicional no cristianismo que sempre fez a distinção entre a verdadeira religião e as falsas religiões, a religião inspirada por Deus e a religião inspirada pelos demônios.

Em segundo lugar os marxistas reconhecem hoje em dia que há certas formas de alienação humana que sempre resistirão a qualquer mudança social. Nenhum socialismo poderá resolver o problema da morte, da doença, dos fracassos humanos e assim por diante. Por isso mesmo sempre haverá lugar para as religiões. Esse é o motivo pelo qual a religião era muito anterior à divisão do trabalho e ao surgimento dos modos de produção e continuará no meio de qualquer modo de produção.

Em terceiro lugar, a evolução dos cristãos, leigos ou sacerdotes que há uns 20 anos atrás, sobretudo entre 1960 e 1970 se relacionaram com os movimentos marxistas de libertação e com as ideologias latino-americanas de libertação, foi muito mais profunda ainda. Aqui também 1973 iniciou o processo de transformação.

Se seguirmos a trajetória de alguns leigos ou teólogos que, aos olhos da revista *Tierra Nueva*, por exemplo, são representantes típicos da penetração marxista na Igreja, a mudança é notável. Alguns deles exprimiam até há uns dez anos atrás muito mais confiança, menos restrições, mais unilateralismo em adotar as categorias da análise marxista. O prestígio do marxismo era muito maior no mundo intelectual, e a confiança na sua capacidade de levar adiante os movimentos de libertação era total nas esquerdas latino-americanas. Muitos cristãos estavam na fase do descobrimento da política e dos movimentos de libertação. Sobreestimaram os poderes das forças políticas revolucionárias em geral e marxistas em particular. Viviam sob a impressão de um movimento histórico inevitável e irresistível.

Entre 1960 e 1973 a Igreja latino-americana passou por uma fase intensa de secularização: a intensidade maior da secularização localizava-se na esquerda da sociedade, entre as classes ascendentes, na juventude que esperava mudanças sociais. Depois de 1973 a secularização passou para a direita: foi a juventude burguesa que rompeu com a Igreja, sem fazer barulho, mas com um desprezo muito maior, o desprezo da indiferença total. Essa juventude seguiu os caminhos da juventude européia. Ao invés, para a esquerda, a religião revalorizou-se. Reconheceu-se a importância da religião na vida dos pobres, e o papel positivo que ela desempenha para ajudar a viver e sobreviver no meio da adversidade. Apareceram os limites do político e a importância do mundo simbólico em que a religião se inscreve.

Alguns parecem pensar que a Teologia da Libertação favorece a ruptura com a Igreja Católica e a secularização da vida. Contudo a Teologia da Libertação nasceu depois do movimento de secularização e da passagem de muitos cristãos para o marxismo, dez anos depois. A sua atuação coincide com uma fase de retorno ao religioso e à Igreja, como também com a fase de compromisso mais evidente da Igreja com os di-

reitos humanos e com a causa dos pobres. Haverá relação de causa a efeito? Talvez não. Mas em todo caso não há fundamento para acusar a Teologia da Libertação de ter favorecido a secularização, pois esta se produziu antes e deixou de se produzir na época dessa teologia. Por outro lado existem muitos testemunhos de que muitos cristãos se sentiram de novo atraídos por uma Igreja que estavam deixando, ou confirmados na sua adesão ao cristianismo. Não parece que a experiência histórica confirme o temor de que o uso de elementos de análise marxista leve à ruptura com a Igreja, ou à secularização, ou ao abandono da fé. Isto aconteceu quando qualquer pessoa tinha que fazer uma escolha radical: ou nada de marxismo ou tudo de marxismo, ou ser católico e rejeitar o marxismo em tudo, ou ser marxista e rejeitar o cristianismo na sua totalidade. Então, sim, muitos escolheram o tudo do marxismo contra o tudo do cristianismo. Uma vez que alguns cristãos procuraram mostrar que se podia compatibilizar certos elementos do marxismo com a fé, a secularização diminuiu.

5) *A propósito da violência.* Houve na América Latina sobretudo entre 1960 e 1973 uma ideologia da violência, prolongada na Argentina até 1976, data da derrota do ERP e dos Montoneros, e retomada no Peru pelo Sendero Luminoso.

Contudo não se deve conectar demais a ideologia da violência com o marxismo. Se o leninismo a integrou em parte no sistema soviético, isto se deve à tradição russa específica (nascida no terrorismo russo, no nihilismo, no anarquismo) mais do que ao marxismo. Na América Latina a ideologia da guerrilha e da violência foi adotada por dissidentes dos partidos comunistas, mas também por muitos outros que não eram marxistas. Os Montoneros queriam ser peronistas e desenvolveram a ideologia da violência até o extremo. Não é aqui o lugar de examinar as raízes e o significado da ideologia da violência. Ela nasceu mais em ambiente cristão do que marxista, entre jovens saídos dos colégios católicos do que entre jovens dos partidos comunistas, muito mais entre filhos das classes dirigentes do que entre as classes médias ou populares. Ela tem afinidades com as Brigadas Vermelhas da Itália, com a ETA no País Basco, com os terroristas irlandeses na Irlanda do Norte.

Em si mesmo o marxismo é suscetível de interpretações que não desenvolvam uma ideologia da violência. Se a União Soviética aprendeu a contar cada vez mais com o seu poderio militar, pode-se pensar que isto não se deve tanto ao marxismo quanto à sua tradição histórica própria e à sua situação geopolítica. Uma Rússia anticomunista não teria uma política exterior muito diferente.

Por conseguinte, não se vê porque teríamos que juntar estreitamente análise marxista com adoção da violência como método político.

Assim como não se deve juntar democracia e colonialismo, embora os países mais democráticos tenham sido os que praticaram mais o colonialismo e fizeram guerras colonialistas (Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha, etc.).

A ideologia da violência merece ser tratada à parte. O fenômeno é mais complexo e mais profundo do que uma simples ideologia, nem sequer o marxismo. Seria preciso examinar atentamente o que é que liga cristianismo e violência na Irlanda, no País Basco, no Líbano, e antigamente no franquismo, no fascismo assumido por tantos católicos, no integralismo no Brasil, etc.

6) *A parte de verdade do marxismo.* Um dia Newman disse que se o protestantismo tinha conseguido sobreviver 300 anos, ele devia conter uma grande verdade, e, sem recuperar essa verdade, seria muito difícil superar o cisma. O marxismo já tem 150 anos, e ainda está numa fase de expansão em várias regiões do mundo, mesmo se, como ideologia, está em recesso nas nações em que triunfou há anos.

Qual é a verdade do marxismo? Pode estar em certos elementos ideológicos. Pode estar em certos elementos científicos. Podemos contentar-nos com afirmar que nele a verdade e o erro estão tão intimamente unidos que é impossível fazer uma distinção? Nesse caso, qual é a capacidade real do discernimento cristão, se, diante de uma das situações mais importantes da nossa época, ele se revela impotente? Acontece que alguns o acham tão "intrinsecamente perverso" que não se pode achar nele nada de bom. Mas a isso vem a observação de Newman. Assim no passado fizeram os cristãos frente ao Islã. Depois de 1300 anos de guerras de religião, o Islã ainda está aí, mais forte do que nunca, desafiando a missão cristã, penetrando de novo dentro de terras cristianizadas há séculos. Com certeza estão aguardando o tempo em que os cristãos se decidam a encontrar nele algo de bom.

É fácil rejeitar a totalidade do sistema em estado de perseguição: assim fizeram os cristãos com a filosofia grega e com o Império Romano. Mas uma vez que tiveram que começar a pensar e a participar no governo do mundo, a coisa mudou. Também é fácil rejeitar o marxismo na sua totalidade estando longe dos movimentos de libertação do Terceiro Mundo. Neste Terceiro Mundo, porém, os marxistas estão agindo, não esperaram um convite dos teólogos. Como vai ser possível entrar numa ação decidida, forte, juntando as classes populares sem levar em conta a presença dos marxistas? Pensa-se que os cristãos por si sós serão capazes de mobilizar os povos latino-americanos e de organizar uma estratégia de libertação? Para isso a Igreja chegou muito tarde, entrou em ação muito tarde. Agora o marxismo já está presente. Se se quer lutar contra o marxismo, será preciso fazer aliança com ele contra o sistema injusto

e corrupto que domina as nações desde a sua fundação.

Não haverá nenhuma necessidade de sacrificar a identidade cristã, nem de esconder os elementos próprios ao cristianismo, nem de aceitar a totalidade da análise marxista, menos ainda da ideologia. Por sinal, uma ideologia teológica que corresponderia ao retrato desenhado pela Congregação para a Doutrina da Fé, seria rejeitada pelo povo cristão e não serviria de nada porque não teria nenhum apoio real de ninguém.

7) Nos últimos sete ou oito anos a teologia latino-americana abriu-se cada vez mais para os demais continentes do Terceiro Mundo e foi adquirindo uma dimensão mais universal. Fez-se um intercâmbio com a teologia negra dos Estados Unidos, com a teologia africana nascente com os seus problemas de dominação cultural, com a teologia asiática com os problemas de relações entre culturas, e finalmente com a teologia do movimento feminista. A dominação sócio-econômica apareceu assim como apenas uma das formas de dominação que afligem a humanidade.

A conseqüência dessa evolução é que a luta de classes é cada vez mais insuficiente para explicar as relações sociais no mundo. A luta de classes não explica nem a dominação racial, nem a dominação religiosa. Hoje em dia é impossível que um teólogo do Terceiro Mundo pretenda explicar os problemas humanos simplesmente pela luta de classes. Se houvesse um teólogo apegado a tal posição, com certeza não seria latino-americano. Está claro que as relações de classes decorrentes das relações dentro do modo de produção são apenas um entre muitos fatores.

3. A CRÍTICA DAS IDEOLOGIAS

O marxismo desempenha também um papel na crítica à ideologia, e, de modo particular, na crítica aos aspectos ideológicos da religião. Pode-se dizer que de certo modo os conceitos marxistas tendem a ser usados cada vez mais para a crítica às ideologias e menos para a compreensão dos problemas sociais ou econômicos.

O marxismo é apenas um dos elementos dessa crítica. De certo modo todas as sociologias e todas as psicologias como também as antropologias ou as etnologias contribuíram para criar uma hermenêutica. Hoje em dia já não se pode prescindir de hermenêutica na interpretação dos fatos religiosos e os fatos cristãos não estão imunizados, não pertencem a um mundo celestial, estão também situados na história humana e não escapam à necessidade da hermenêutica. Sem hermenêutica caímos no fundamentalismo.

O que significa a hermenêutica? Que nenhum sistema de símbo-

los, nenhum discurso, nenhum texto, é a exata transcrição de uma realidade. Um sistema simbólico ou um texto são uma realidade em si mesmos que obedecem às leis da linguagem, do discurso, da lingüística ou dos simbolismos. São realidades em si mesmos antes de ser meios de conhecimento de outra realidade além de si mesmos.

Há muitas hermenêuticas possíveis e o problema da escolha é inevitável. A leitura de um texto não fornece imediatamente o conhecimento da realidade da qual o texto fala. O texto fala também de muitas outras coisas. Um texto fala em primeiro lugar da estrutura da cultura da qual ele é um elemento representativo. Fala também dos problemas e dos interesses psicológicos dos autores que colaboraram com a sua redação. Fala dos interesses dos grupos sociais ou culturais dos quais procede, e assim por diante. Não podemos chegar a conhecer alguma coisa de realidade a propósito do assunto de que trata, sem passar por todas as formas de crítica que vão decantando esse texto pouco a pouco.

Aristóteles já sabia que não conhecemos diretamente a realidade, mas apenas através dos nossos conceitos. Mas Aristóteles não conhecia nem podia imaginar a complexidade das operações inconscientes que intervêm num enunciado de conceitos.

Uma tradução é uma interpretação, isto é conhecido desde sempre. A tradução nunca restitui o sentido original, mas permite saber muito sobre o tradutor, sobre o seu meio social e cultural e sobre a língua que é a expressão mais ideológica de uma cultura.

A leitura de um texto é sempre uma releitura em que o leitor coloca muita coisa de si próprio. A audição de um texto é também já uma reinterpretção.

Todas as ciências humanas podem intervir na hermenêutica. As ciências sociais em primeiro lugar. Entre elas o marxismo desempenhou um grande papel. O marxismo foi o primeiro grande sistema que denunciou a influência dos fatores econômicos e das relações sociais derivadas do modo de produção em todos os produtos culturais: direito, ciência, religião, filosofia, artes, literatura, etc. Depois dele outros sistemas procuraram completar ou revisar, negar ou confirmar as hipóteses propostas pelo marxistas. Convém citar naturalmente o nome de M. Weber, historicamente tão importante talvez como o próprio Marx.

Que os fatores econômicos são fundamentais na compreensão do cristianismo, é evidente. Basta abrir os olhos ou lembrar a história. Existem várias interpretações dos evangelhos: os quatro evangelhos já são quatro leituras bem diferentes do Evangelho de Jesus. Existem várias interpretações das instituições eclesíásticas, da moral, dos dogmas, da doutrina social da Igreja. Elas existem de fato, e não se precisa fazer profundas investigações para ver imediatamente certas conexões com a posição dos intérpretes no sistema social. Para citar apenas exemplos histó-

ricos: os mendicantes têm do cristianismo e da vida religiosa uma interpretação bem diferente dos monges de Cîteaux, e estes dos monges de Cluny. Os teólogos dos imperadores têm uma teologia diferente da teologia do Papa. Os camponeses têm uma religião bem diferente da religião dos Humanistas do século XV ou dos alunos dos colégios católicos do século XX. Hoje mesmo há na América Latina diversas interpretações do Vaticano II e de Puebla, e quem não vê que estão relacionadas com a situação social e as posições políticas dos leitores?

A hermenêutica não significa que a procura da verdade seja uma ilusão. Ela não diz que a verdade coincide com os interesses de uma classe social. Mas ela desmente que possamos ter uma visão imediata e completa da verdade. A aproximação à verdade não pode prescindir de um processo incessante de crítica ideológica, de desideologização.

Não existe nenhuma afirmação, nenhum conceito, nenhum símbolo que não esteja situado historicamente. Ignorar essa situação é expor-se às ilusões de uma falsa percepção da verdade. Quem pensa ver a verdade numa fórmula simples e com total evidência, está certamente na ilusão e projeta o seu desejo de segurança nas palavras que lê ou nos símbolos que recebe na sua sensibilidade.

Não se trata de relativizar a verdade, mas apenas de relativizar a nossa possibilidade humana de alcançá-la. Não é sem razão que Jesus situa na prática e não nas palavras o critério da verdade e da verdadeira fé, do verdadeiro conhecimento dele. Nem se trata de relativizar o papel do Magistério na procura da verdade. Pelo contrário, já que a procura da verdade parece hoje em dia mais difícil, o papel do Magistério torna-se mais importante. Pois o discernimento da verdade está exposto a mais perigos, ou está mais consciente dos seus perigos.

A investigação das realidades cristãs nas suas referências econômicas e sociais revelou-se fecunda. Porém, os próprios autores marxistas não são os melhores guias para orientar esse trabalho. Somente teólogos cristãos podem assumir essa tarefa. Somente eles podem colocar os documentos cristãos no seu contexto total. Quem olha uma cultura desde a parte de fora, expõe-se a errar radicalmente quanto ao significado de um documento no conjunto.

Os autores marxistas agem somente a título de provocadores ou desafios. A mesma coisa poderia dizer-se dos psicanalistas quanto à interpretação psicológica do cristianismo ou das escolas de antropologia quanto à interpretação antropológica.

Na primeira fase da aplicação da análise sociológica aos documentos do cristianismo houve exageros manifestos. Não podia ser de outro modo. Mas daí não se poderia inferir que o método é condenável em si mesmo. Não convém atribuir à própria sociologia os excessos de certos sociólogos. Muitos sacerdotes tinham recebido uma educação bastante

"ingênua". Em vários casos o contato com a modernidade foi um choque. Alguns ficaram abalados, rejeitando com energia excessiva as ilusões em que uma formação imprudente os tinha deixado. Não nos esqueçamos de que a grande crise dos sacerdotes e dos religiosos afetou uma geração que tinha sido formada de acordo com os moldes clássicos. Aparentemente as defesas não lhes serviram muito.

Na análise sociológica as alusões ao marxismo são muito diluídas. Misturam-se com conceitos de sociólogos não-marxistas, de historiadores de todas as tendências e de especialistas de quase todas as ciências humanas. De qualquer maneira não poderá haver teólogo que pense que uma análise sociológica possa esgotar a verdade de um texto, de um conceito revelado ou da fé cristã em geral.

BIBLIOGRAFIA

- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ: *Instrução sobre alguns aspectos da "Teologia da Libertação"* (de 6 de agosto de 1984). Ed. Paulinas, São Paulo 1984.
- Card. J. RATZINGER: Vi spiego la teologia della liberazione, em: *30 Giorni* (março de 1984) 48-55.
- Pedro ARRUPE S.J.: Carta aos Provinciais Jesuítas da América Latina e para conhecimento dos Superiores Maiores (de 8 de dezembro de 1980), em: *SEDOC* vol. 14 (1981/n. 143, julho-agosto) col. 45-50.
- Josep VIVES: Sobre la Teología de la Liberación. Contribución a un tema en conflicto, em: *Sal Terrae* 72 (1984) 221-235.
- Pascoal RANGEL: 100 anos depois que Marx morreu (ou não morreu), em: *Atualização* 14 (1983) 235-241.
- J. E. MARTINS TERRA, Teologia da Libertação e Marxismo, em: *Atualização* 12 (1981) 97-127.
- Henrique C. de LIMA VAZ: Marx e o Cristianismo, em: *Persp. Teol.* 15 (1983) 351-364.
- Rudolf BAHRO: *A alternativa: Para uma crítica do socialismo real*. Paz e Terra, Rio de Janeiro 1980.
- Norberto BOBBIO: *Qual socialismo?* Paz e Terra, Rio de Janeiro 1983.
- Lúcio COLLETTI: *Ultrapassando o Marxismo*. Forense Universitária, Rio de Janeiro 1983.
- Jürgen HABERMAS: *Para a reconstrução do Materialismo Histórico*. Brasiliense, São Paulo 1983.
- Claude LEFORT: *As formas da história*. Brasiliense, São Paulo 1979.

-
- Claude LEFORT: *A invenção democrática. Os limites do totalitarismo*. Brasiliense, São Paulo 1983.
- C. CASTORIADIS: *Socialismo ou barbárie. O conteúdo do socialismo*. Brasiliense, São Paulo 1979.
- C. CASTORIADIS: *Diante da guerra*. Brasiliense, São Paulo 1982.
- Régis DEBRAY: *O escriba. Gênese da política*. Retour, Rio de Janeiro 1983.
- G. KONRÁD – I. SZELÉNYI: *La marche au pouvoir des intellectuels. Le cas des pays de l'Est*. Seuil, Paris 1979.
- Agnes HELLER – Ferenc FEHER: *Marxisme et démocratie. Au delà du socialisme réel*. Maspero, Paris 1981.
- Éric BRAUNS: Desplacements dans l'approche marxiste du fait chrétien et de la foi, em: *Masses Ouvrières* n. 390 (1984) 18-29.

José Comblin nasceu em Bruxelas (Bélgica) em 1923. Vive na América Latina desde 1958. Doutor em Teologia. Expulso do Brasil em 1972, depois de ter ensinado 7 anos no Recife. Atualmente encontra-se novamente no país, desenvolvendo sua atividade docente na mesma cidade. Entre os inúmeros livros publicados em português, espanhol e francês, destacamos: *Théologie de la paix*, 2 vol., Ed. Universitaires, Paris 1960 e 1963; *Théologie de la révolution. Théorie*, Ed. Universitaires/Ed. du Témoignage Chrétien, Paris 1970; *Théologie de la pratique révolutionnaire*, Ed. Universitaires, Paris 1974; *História da Teologia Católica*, Herder, São Paulo 1969; *A Ideologia da Segurança Nacional*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1978; *O tempo da ação. Ensaio sobre o Espírito e a História*, Vozes, Petrópolis 1982; *Breve curso de Teologia*, Ed. Paulinas, São Paulo, t. I, 1983; t. II, 1984.

Endereço: Rua do Giriquiti, 48 – 50000 Recife - PE